



SER ILHÉU DOS AÇORES: O MAR E O ISOLAMENTO COMO DESAFIOS

JOSÉ LUÍS BRANDÃO DA LUZ*

A abordagem do tema confronta-nos com a interrogação prévia da existência da consciência de ilhéu dos Açores, perante a multiplicidade de formas de ser e viver das populações das diferentes ilhas do Arquipélago. O nosso ângulo de incidência, após distinguir estas duas linhas de orientação da análise, irá procurar pôr em evidência, não os particularismos que dão colorido ao mosaico cultural, linguístico, económico que fazem viva e multifacetada a tradição do povo dos Açores, mas antes, o que há de comum nas diferentes formas de apropriação de um património que sobrevive nos modismos e vivências das populações de cada uma das ilhas. Pretendemos, por isso, dirigir o olhar para alguns dos traços que nos parecem marcar essa identidade, dos quais destacamos: a pressão sentida pelo isolamento, o apelo libertador do mar, a sedução da viagem e a dialética que nos faz oscilar entre o otimismo numa certa centralidade oceânica e o pessimismo da lonjura e da distância que facilmente nos torna esquecidos e ignorados.

1. A unidade das diferenças

Em estudo de teor etnológico sobre os Açores, Armando Côrtes-Rodrigues¹ atribuíra, em 1968, ao recato de séculos de isolamento das ilhas a dificuldade de se falar genericamente dum estilo de vida ilhéu dos Açores. A forma como a população de cada ilha se apropria da língua comum,

Desenho: *S. Miguel, Povoação, Porta do Povoamento.*

* Universidade dos Açores.

¹ Armando Côrtes-Rodrigues, «Açores», em Fernando de Castro Pires de Lima (dir.), *Arte Popular em Portugal: Ilhas Adjacentes e Ultramar*, Lisboa: Editorial Verbo, 1968, pp. 117-315.

reconfigura a cultura, nas suas diferentes manifestações, e empreende a exploração dos seus recursos económicos inscreve, no relevo de cada ilha e na linha de costa que o mar salpica de farrapos delidos de espuma, singularidades que as tornam diferentes entre si. Espalhadas no mesmo mar que as separa e que as une, num face-a-face que, em alguns casos, aparenta estreita proximidade, todas elas fazem erguer o clamor pelo reconhecimento das suas singularidades.

A língua e a tradição popular, tal como a posição geográfica e o relevo do terreno, ao mesmo tempo que irmanam as ilhas, desdobram-se em variantes múltiplas que o poeta e dramaturgo de pendor regionalista, que evocámos no início, elencou nos cambiantes que ganham cor e voz no

«vestuário, modos vocabulares, pronúncia, a linha da tocada musical no conduzir da fala, nos próprios instrumentos, na maneira de tocar, em modas e modos de canto, nas formas musicais inconfundíveis, alimentação, capacidade de trabalho, tendências dissemelhantes para determinadas ocupações, critérios e noção de vida, qualidades que se exaltaram e vincaram na emigração, nas pegadas admiráveis que os casais açorianos deixaram na formação do Brasil e a sua presença na América do Norte»².

Côrtes-Rodrigues aponta, com subtileza, na síntese que acabámos de destacar, aspetos expressivos da peculiaridade das ilhas que têm vindo a ser atendidos quer por recolhas e estudos efetuados aos níveis da história, da etnologia, da linguística, da literatura e da cultura, em geral, quer por iniciativas apostadas em expandir e aproximar as ligações dos Açores com as comunidades que a emigração fixou e fez prosperar em Portugal e no continente das Américas. Mas, poderemos ver ainda sobressair, na diversidade de formas que imprimem carácter a cada uma das ilhas, a proverbial rivalidade que as opõe umas às outras, o que não deixa de constituir um sinal revelador do vigor que confirma os Açores como um arquipélago de ilhas assentes no alto-mar, no confronto oscilante de plataformas tectónicas que periodicamente as fazem estremecer. É um fenómeno que Luís da Silva Ribeiro não teve dúvidas em atribuir a dois fatores: «o isolamento natural de cada ilha e a relativa raridade de comunicações interinsulares»³, que acabam por centrar as pessoas numa economia de autossuficiência,

² CÔRTEES-RODRIGUES, A. «Açores», p. 119.

³ RIBEIRO, L. S. «Regionalismo», em *Obras IV. Escritos Político-Administrativos*, Angra do Heroísmo: Instituto Histórico da Ilha Terceira e SREC, 1996, p.114; Cf. *ibidem*, «O espírito açoriano», p. 122.

geradora de interesses próprios, desconfianças e rivalidades que levam a desprezar os interesses comuns.

Não será sustentável, certamente, pensar-se que somente nos Açores esta refiguração de influências acumuladas tenha acontecido, nem mesmo que ela seja específica da condição de ilhéus. Acontece o mesmo em todas as regiões que, no quadro de horizontes que as aconchega, com mais ou menos proximidade, partilham entre si semelhanças e diferenças pela forma como integram, no acervo de tradições e rotinas comuns, o modo próprio de organizar o dia a dia. Este aspeto foi, aliás, particularmente notado pelo devotado etnólogo terceirense quando, num artigo de 1920, refere a mobilização que, no ambiente de pós-guerra que se vivia no país, envolveu artistas, poetas e escritores a tomarem os motivos regionais como temas das suas obras e à realização de congressos regionalistas em várias regiões do país com o propósito de chamar a atenção para as suas especificidades e pensar medidas para o seu desenvolvimento⁴.

Muito embora se não possa perder de vista o colorido e o ritmo que marcam a personalidade e o estilo de vida próprios de cada ilha, aspetos que a literatura consagrou de forma admirável⁵, a solidez desta alteridade, feita de diferenças, encontra-se no subsolo comum que as faz resistir e persistir no tempo. As suas raízes mergulham no mar e na lava que nos entranham. No dizer de Vitorino Nemésio, «somos de carne e pedra. Os nossos ossos mergulham no mar»⁶, o que confere um modo de ver e sentir, de imaginar e querer, de pensar e ser de ilhéus dos Açores. Ganha, por isso, sentido falar duma consciência de ilhéu a partir dos Açores, qualquer que seja o lugar onde se vive, numa das ilhas ou fora delas.

Apesar das diferenças, há algo que persiste com as suas tonalidades e ritmos próprios. Nemésio, neste curto mas muito expressivo texto a que acabámos de aludir, concebe-o como *açorianidade*, «o apego à terra, [...] que não conhece razões, mas impulsos». É um sentimento que a distância faz crescer, como um *desterro*, que o passar do tempo «afina e acerba». Daniel de Sá teria exprimido o mesmo ao afirmar que «a pior maneira de ficar na ilha é sair dela». Por sua vez, José Enes, procurando entrar mais no centro do significado da *açorianidade*, compreende-a como sendo o modo como cada um se identifica consigo mesmo. É uma «matriz de iden-

⁴ Cf. *ibidem*, p. 113.

⁵ Cf. ALMEIDA, O. T. *A Questão da Literatura Açoriana*, Angra do Heroísmo: SREC, 1983, «A questão revisitada», pp. 188-191.

⁶ NEMÉSIO, V. «Açorianidade», em *Insulana. Órgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada*, Ponta Delgada: 1932, pp. 7-8.

tificação» que move poetas, romancistas, dramaturgos, ensaístas, e a que poderemos ainda acrescentar músicos, artistas, políticos e outros, que faz que, «no ato artístico da sua obra, se reconheçam e afirmem açorianos»⁷. E convoca-os a enunciar os termos em que a açorianidade se assume como matriz de identificação das suas criações. Sem se escusar a responder ao repto que lançara, associa a sua conceção de açorianidade à forma como cada um, dentro ou fora da ilha, «mergulha na partilha comunitária» para assumir, à sua maneira, «a responsabilidade e o compadecimento do seu destino»⁸. É enquanto agente criador que o ilhéu, onde quer que esteja, se liga à sua ilha e a toma como matriz do que se sente ser. Trata-se, pois, dum conceito que, como Onésimo Teotónio Almeida tem insistido, não cabe nos contornos duma definição, por pertencer ao domínio «de quem o diz», pelo que não poderá nunca ser desligado da mundividência dos que o procuram abordar. Esta circularidade, para que aponta a clarificação epistemológica da análise de Onésimo, torna a noção de *açorianidade* indissociável da «sobreposição de todas as visões que dela os utentes têm», estando assim sujeita a ampliar-se «sempre que o mundo de qualquer açoriano se alargar»⁹.

2. O isolamento

O que chama particularmente a atenção na expressiva e primorosa análise de Côrtes-Rodrigues, que evocámos no início, é a proeminência que concede ao isolamento, que a geografia das ilhas agrava, na constituição da consciência de ilhéu. Raul Brandão, nas impressões da sua estadia no Corvo, fala no «tremendo isolamento»¹⁰ a que se não pode fugir na ilha e que cerca a vida das pessoas de monotonia e solidão: «Passam-se meses sem notícias do mundo». O autor de *As Ilhas Desconhecidas* associava este estado de alma, tão indescritível como asfixiante, à solidão provocada pela situação geográfica, que a falta de comunicações e as forças ameaçadoras das ventanias tempestuosas, que fustigavam as ilhas e agitam o mar, tor-

⁷ ENES, J. «A insularidade como matriz de identificação literária» em *Nova Águia*, Lisboa: 2015, 16, p. 265.

⁸ *Ibidem*, p. 266.

⁹ ALMEIDA, O. T. *Açores, Açorianos, Açorianidade. Um Espaço Cultural*, 2.^a ed. revista e ampliada, Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2011, «Em jeito de posfácio à segunda edição: *Açorianidade: equívocos estéticos e éticos*», p. 160.

¹⁰ BRANDÃO, R. *As Ilhas Desconhecidas – Notas e Paisagens*, pref. de António Machado Pires, Ponta Delgada: Artes e Letras, 2009, p. 81.

navam mais soturno, deixando «a impressão de nos sentirmos ser menos que nada»¹¹.

O isolamento, que tem sido destacado por diversos autores como marca distintiva da realidade insular, foi invocado em apoio da pesquisa científica por Arruda Furtado. Na década de oitenta do século XIX, o sábio micaelense encontrava no isolamento das ilhas um valor acrescido para assegurar o controlo da recolha dos elementos que precisava para apoiar a teoria darwiniana da evolução das espécies¹². Este requisito, que fora colhido na leitura de Darwin, de quem Arruda Furtado era um incondicional adepto, permitia observar nas espécies animais, protegidas pelo isolamento do meio, a emergência e expansão de caracteres diferenciadores, que depois se mostravam dominantes na população descendente. A dificuldade de introduzir novos indivíduos provenientes do exterior, como era o caso estudado dos moluscos terrestres, depunha a favor dum transformismo endémico, ou seja, de que as espécies evoluem por conta própria e descendem umas das outras.

Ao nível dos estudos de antropologia física, o isolamento das ilhas constitui também para o autor um elemento decisivo para compreender o processo de transformação do homem ilhéu, ou a falta dele. Na obra em que propõe o projeto de caracterização do povo açoriano, nas diferentes ilhas, e que acabou por ficar circunscrito à ilha de S. Miguel, Arruda Furtado procura identificar os traços típicos do modo de vida, sentir e pensar da população, assim como os seus caracteres físicos dominantes. Na convicção do autor, o povo açoriano, pelo isolamento a que tem estado sujeito desde o povoamento até, segundo a sua estimativa, os anos trinta do século XIX, era a cristalização do Portugal antigo, povoado por gente que não tinha sido contaminada pelas alterações que a expansão portuguesa produziu no território continental. A exploração de outros territórios, o contacto com culturas até então desconhecidas, o conhecimento de novas ideias, tudo isto alterara o estilo de vida, os costumes e as mentalidades da população do continente português. A vinda dos povoadores para os Açores condenava-os ao degredo, privando-os de participarem nas profundas alterações que afetaram a população de origem quando se iniciava

¹¹ *Ibidem*, p. 261.

¹² Cf. LUZ, J. L. B. «Arruda Furtado: Origem animal do homem e estudos antropológicos», em Pedro Calafate (dir.), *História do Pensamento Filosófico Português*, Lisboa: Editorial Caminho, 2004, vol. IV – O Século XIX, Manuel Cândido Pimentel (coord.), tomo 1, pp. 397-413.

o período mais florescente da sua história que colocou Portugal no centro do mundo. Quando a população, no continente português,

«podia sentir-se dominar em massa os mais importantes lugares até aí desconhecidos do velho e novo mundo, este pequeno fragmento [os Açores], profundamente isolado, caía no torpor do clima, debaixo do terror dos grandes fenómenos vulcânicos e do jugo dos capitães donatários»¹³.

Sem ter beneficiado dos reflexos da abertura expansionista que o povo português conheceu, os ilhéus, no caso estudado, a população micaelense, aparentava um considerável atraso relativamente aos portugueses do continente, pois o isolamento a que foram votados colocou-os à margem das estimulantes influências que o contacto com outros povos e culturas propiciaram e que operaram profundas alterações. Deste modo, em razão dos efeitos imobilizadores que o isolamento provocou, sobrevivem nos Açores tradições que já caíram em desuso no continente, o que permite supor que a cultura popular de origem se tenha mantido nos Açores quase sem alterações. Será pois do maior interesse o estudo da sociedade atual, uma vez que ela, pelo grau de estagnação que a tem caracterizado, poderá aproximar-se do ambiente real das primitivas populações que habitavam as ilhas e, por esta via, dos modos ancestrais de viver do povo português. À importância do estudo acresce a urgência da sua realização, pois, na avaliação do autor, a quebra do isolamento dos Açores nos últimos cinquenta anos, ou seja, desde os anos trinta do século XIX, em resultado do comércio da laranja que florescia, propiciou um relacionamento direto e mais frequente com os países mais avançados da Europa, que iria certamente provocar alterações no modo de ser e pensar das pessoas.

A obra de Arruda Furtado apresentava, a partir duma recolha empírica de materiais, que acabou por ficar circunscrita a S. Miguel, os traços físicos e culturais da identidade do povo açoriano, o que depunha a favor dos projetos de teor regionalista que procuravam dar-lhe expressão cultural e plástica. Conforme avança Carlos Cordeiro¹⁴, os ideais regionalistas visavam promover a identidade açoriana pela literatura e a arte que consagrasse a paisagem e as vivências da realidade açoriana. Destaca-se neste projeto,

¹³ FURTADO, F. A. *Materiais para o Estudo Antropológico dos Povos Açorianos. Observações sobre o Povo Micaelense*, Ponta Delgada: 1884, p. 24.

¹⁴ Cf. CORDEIRO, C. *Nacionalismo, Regionalismo e Autoritarismo nos Açores durante a I República*, Lisboa: Edições Salamandra, 1999, pp. 226-227.

enaltecido na entrevista de 1923 ao *Diário dos Açores*¹⁵ pelo jovem Nemésio, estudante de Direito, o empenho do malogrado poeta jorgense João de Matos Bettencourt que, em 1915, em pleno conflito mundial, defendeu e tomou iniciativas que promovessem o investimento numa cultura de expressão açoriana, designadamente, ao nível da literatura e das artes que tomassem por tema a «alma rácica» do povo açoriano¹⁶. Entusiasmado com o trabalho de Arruda Furtado, sem no entanto atender ao pessimismo das suas conclusões, encontra nele as credenciais que deverão habilitar o combate junto dos intelectuais para os incentivar a conferirem um pendor regionalista às suas obras que contribuísse para definir os contornos da identidade do povo ilhéu dos Açores. Também nessa época, Armando Narciso, igualmente natural de S. Jorge, mas que viveu na Terceira e em S. Miguel, onde concluiu o curso dos liceus, antes de ir para Coimbra cursar medicina, se manifestava em defesa do projeto do seu patrício Matos Bettencourt por um regionalismo que desse voz, salienta Carlos Cordeiro, ao «‘casticismo’ açoriano, resultante do isolamento das populações»¹⁷. Ainda neste empenhamento de pôr em evidência um modo comum de ser e sentir do povo açoriano, Vitorino Nemésio, ao procurar sondar as profundezas da sua «consciência de ilhéu», encontra nela a marca de duas notas fundamentais: «a grandeza do mar» e a sua «infinitude», no seio das quais nascem os ilhéus, e o isolamento, que refere como sendo uma «espécie de embriaguez» que, continua o autor de *O Paço do Milhafre*, «impregna a alma e os atos de todo o ilhéu»¹⁸.

3. A infinidade do mar

O mar e o isolamento surgem como sendo duas notas que se entram e perduram, sempre prontas a emergir, mesmo quando se faz a vida fora e longe das ilhas. Vemos também este sentimento aflorar com muita nitidez em Sena Freitas, de modo especial quando o ilustre pregador e intrépido polemista açoriano, que repartiu a sua vida entre Portugal e o Brasil, se encontrava em viagem, longe da pátria. É assim que, numa das suas idas a Vigo, se refere à familiaridade com o mar em virtude de

¹⁵ «Por que não temos Literatura Açoriana?», Entrevista com Vitorino Nemésio por Rebelo de Bettencourt, em Onésimo Teotónio Almeida, *A Questão da Literatura Açoriana*, p. 29.

¹⁶ CORDEIRO, C. *Nacionalismo, Regionalismo e Autoritarismo nos Açores*, p. 227.

¹⁷ *Ibidem*, p. 226.

¹⁸ NEMÉSIO, V. *Insulana*, 1932, pp. 13-14.

ter nascido e vivido em íntima ligação com ele, conforme deixou escrito: «Nasci no meio das ondas, numa ilha. As cenas marítimas tiveram sempre para mim um atrativo particular»¹⁹. Também, no Brasil, no decorrer de uma das suas estadias naquele país, a extenuação que a visita a Santos lhe provocou é debelada pelo sono reparador, a bordo do vapor em que inicia a viagem em direção ao sul do país. Volta a emergir, na sua consciência de ilhéu, o fascínio tranquilizante que o mar lhe proporcionava

«ao som conhecido e grato do sussurro oceânico, das vagas plangentes, inquietas desse mesmo Oceano Atlântico que embalou o meu primeiro sono na ilha de S. Miguel, e me adormecera dia por dia, por espaço de 15 anos. O seu ritmo, a sua linguagem, o seu hino solene e grandioso; não mudou; é sempre o eco do infinito, ou acordando em uma criança o sentimento da Divindade, ou recordando-o com mais eloquência ao homem feito»²⁰.

Será curioso lembrar a forma como Raul Brandão se deixou também impregnar destes sentimentos de conforto e amparo que a placidez do mar lhe proporcionou ao vaguear, no Pico, por portos e enseadas, ao rumor das ondas. Mostrava desejo de fazer do barco a sua casa para assim estar em contato permanente com a vida inesgotável que o mar abriga e nele dormir «sob o chuveiro de estrelas picando as águas e embalando como no regaço materno!...»²¹ O mar conforma os sentimentos dos que se deixam possuir pelos seus murmúrios, da mesma forma que modelou a consciência de ilhéus dos dois autores açorianos, ao ponto de se sentirem sempre tocados pelo seu fascínio e atraídos pelos seus apelos quando se sentem no meio dele. Sobressai nesta ligação a presença desmedida do infinito, embora com conotações diferentes em cada um. Esta categoria, aliás, foi particularmente posta em destaque por Michel Renaud, num texto em que procura responder à pergunta: «O que é viver nos Açores?»²². Enfrentando o desafio de «falar de uma região que apenas conhece por temporadas breves, ainda que repetidas no decurso de um quarto de século», como adverte logo no começo, Michel Renaud evoca a surpresa que provocou nele «o relato de uma viagem terrestre feita no continente

¹⁹ FREITAS, S. *No Presbitério e no Templo*, v. I, 2.^a ed., Lisboa: Lallement Frères, 1884, p. 87.

²⁰ FREITAS, S. *Observações Críticas e Descrições de Viagem*, v. II – *Entre Mares e Lares*, Rio de Janeiro: Companhia Imprensa, 1891, pp. 165-166.

²¹ BRANDÃO, R. *As Ilhas Desconhecidas*, p. 275.

²² RENAUD, M. «O próximo e o longínquo: A vivência na Açorianidade», em Gabriela Castro, Berta Miúdo e Magda Carvalho (coord.), *Reflexões sobre Mundividências da Açorianidade*, Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 2010, pp. 235-245.

por um Açoriano de raiz. Faltava-lhe a vista do mar, e esta falta era sentida com uma certa opressão»²³. No seu depoimento, que bem traduz a impressão dos ilhéus, pelo menos nas primeiras incursões fora das ilhas, quando se metem por terras dentro a perder de vista, ganha realce o confronto desta experiência com a visão de fronteira que os continentais têm do mar: «o limite insuperável no qual as estradas encontram o seu ponto terminal»²⁴. Curiosamente, deparamos com esta mesma experiência em Raul Brandão quando, a 13 de julho, nas Flores, para o lado da Fazenda, descreve a caminhada despreocupada que faz, seguindo «pela estrada que vai dar à Ribeira, e de repente a terra falta a meus pés numa fenda aberta até ao mar entre muros a pique»²⁵.

Certamente que o oceano impõe obstáculos e adversidades que também limitam e oprimem os ilhéus, mas é «um limite que abre o olhar para um longínquo sem limite [...], que tem apenas um horizonte sempre pronto para recuar à medida que nos queremos aproximar dele»²⁶. Compreende-se assim o fascínio da viagem pelo mar fora, que inscreveu a emigração no fundo da alma dos ilhéus, levando-os para o outro lado do Atlântico, em sentido oposto à emigração que no continente conduzia as pessoas por terras dentro, para o centro e norte da Europa:

«Aquilo que para um continental é separação, como se as águas constituíssem um obstáculo à viagem e à deslocação, é visto, nos Açores como uma oportunidade, a sorte de poder traçar livremente múltiplos caminhos nas águas. O mar é então não tanto uma barreira, mas uma relação, um elo de ligação entre continentes e entre culturas diferentes»²⁷.

O mar atrai como promessa que redime a condenação a um futuro de sujeição e sem saída, que prende tanta gente a um cruel destino que também caiu em sorte aos dois companheiros da aventura de *O Barco e o Sonho*, que Manuel Ferreira contou num estilo repleto de pitoresco, mas mortificado por vivências de trabalho intenso e de pobreza persistente. Para fugir ao infortúnio de uma vida escassa onde só cresciam as bocas para

«sentar à mesa pelo menos duas vezes por dia [...]. Afora a renda da casa, água e luz, de obrigação certa, ao fim de cada mês, sem falar na

²³ *Ibidem*, p. 239.

²⁴ *Ibidem*, p. 238.

²⁵ BRANDÃO, R. *As Ilhas Desconhecidas*, p. 132.

²⁶ RENAUD, M. «O próximo e o longínquo: A vivência na Açorianidade», p. 238.

²⁷ *Ibidem*.

conta da farmácia, a que se não podia fugir, e no rol da mercearia, já a virar folhas ao caderno, sem uma descarga capaz, entre desculpas e mais desculpas, de semana para semana»²⁸,

o mar foi o refúgio único de um sonho sempre negado por um sem número de passos dados em vão para melhorar de vida. A embarcação que construíram, aos poucos, pela noite dentro, haveria de os conduzir a um futuro auspicioso que as terras da América prometiam, do outro lado do mar. O *Diário dos Açores* dá notícia, a 31 de julho de 1951 da «deserção» dos dois homens que, confiando na sorte dos ventos, assoprando na vela do pequeno barco que os próprios construíram, trocaram «o certo pelo incerto, o pouco pelo nada, na atração pelo desconhecido, num anseio de anos, à procura de outra vida e de outro mundo [...], do outro lado do mar, traduzido na própria bandeira por uma chuva de dólares e de estrelas»²⁹. O radicalismo deste episódio não faz a regra da emigração dos Açores, mas tem o mérito de mostrar a força irresistível do apelo para tomar «a rota do Sol, a natural e que traz felicidade»³⁰, como observou Gustavo de Fraga, recordando o incentivo que teria também recebido na juventude de familiares seus que tinham emigrado das Flores e viviam em Boston.

4. O sonho da viagem

O mar com o vulcanismo, o vento ameno e a sua fúria são elementos dominantes da paisagem açoriana e muito constante na inspiração dos poetas insulares que deixaram «versos cheios de maresia»³¹. Vitorino Nemésio associa à presença permanente do mar na vida dos ilhéus – «o feitiço do mar» – ao fascínio que eles experimentam pelas terras distantes e a tendência irresistível para a emigração «em demanda das metrópoles

²⁸ FERREIRA, M. *O Barco e o Sonho. Contos Açorianos* [1979], Ponta Delgada, 3.^a ed., 1989, p. 32.

²⁹ *Ibidem*, pp. 59-60.

³⁰ FRAGA, G. «Emigração e atlantismo», em *Insulana. Órgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada*, Ponta Delgada: 1994, p. 162.

³¹ RIBEIRO, L. S. «Subsídios para um ensaio sobre a açorianidade», em *Obras II. História*, Angra do Heroísmo: Instituto Histórico da Ilha Terceira e SREC, 1983, p. 553. Cf. *ibidem*, pp. 543-556, e «O mar e o vento nos poetas açorianos», *ibidem*, pp. 499-514.

carregadas de sedução»³². Esta não constitui apenas a forma de responder à necessidade imperiosa de melhorar as condições de vida, mas responde muitas vezes a um impulso natural de fugir ao isolamento em que as ilhas se fecham, e procurar fora delas o que nelas se não encontra. As ilhas não constituíram apenas um ponto de chegada que condenou ao degredo os seus primeiros habitantes, segundo a visão deprimente traçada por Arruda Furtado. Desde o início que há notícia da ligação dos ilhéus com o exterior, desde logo, Gaspar Frutuoso, no século XVI, que saiu da sua ilha com destino a Salamanca, em cuja Universidade fez estudos, tendo tido também, segundo o seu principal biógrafo, a companhia de Gaspar Gonçalves que foi depois médico na Ribeira Grande onde Frutuoso também viveu como vigário e pregador da respetiva matriz. Também há notícia que Francisco Furtado e Inácio da Costa saíram da ilha do Faial para missionarem na China, ambos no século XVII, tendo o primeiro traduzido para mandarim obras de Aristóteles e do Curso Conimbricense e o segundo traduziu para latim os livros de Confúcio³³. António Cordeiro, natural de Angra, é um exemplo de determinação não só pelas condições que envolveram a sua saída dos Açores, mas por toda a sua vida. Com apenas 15 anos de idade, viajou com destino a Coimbra, tendo enfrentado as hostilidades das armadas castelhana e inglesa que o fizeram desembarcar em Cádiz, na Andaluzia, de onde seguiu para Portugal. Após diversas peripécias, que atrasaram a sua chegada ao destino, seguiu para Coimbra, onde cursou no Colégio das Artes, tendo ingressado no noviciado em 1657 e iniciado o magistério da Filosofia em 1676³⁴. João Batista Machado e Bento de Góis saíram das suas ilhas com destino a Portugal e depois para o Oriente, onde consagraram a vida à evangelização que, no primeiro caso terminou no martírio no Japão. Bartolomeu do Quental, fundador da Congregação do Oratório, em Portugal, partiu de Ponta Delgada para tomar o grau de mestre em Artes, na Universidade de Évora, ainda antes de atingir 21 anos de idade, acabando por viver em Lisboa onde foi nomeado confessor e pregador da capela real e confessor da casa real, com apenas 27 anos de idade.

³² NEMÉSIO, V. «O açoriano e os Açores», em *Sob os Signos de Agora* [1932], Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1995, p. 98.

³³ Cf. FERREIRA, P. E. «Estudos filosóficos nos Açores – Esboço histórico», separata de *Petrus Nonius*, Lisboa: 1940, p. 2.

³⁴ Cf. *ibidem*, pp. 3-4; MORAES, M. *Cartesianismo em Portugal – António Cordeiro*, Braga: Livraria Cruz, 1966, pp. 13-25; GOMES, P. *Os Conimbricenses*, Lisboa: Guimarães Editores, 2005, pp. 199-221.

No século XVIII, Damião Rodrigues encontra 28 bacharéis e licenciados ligados às governanças da ilha de S. Miguel, tendo apurado que «os detentores de um curso de Cânones suplantavam de longe os que haviam cursado Medicina»³⁵. Esta situação, que é idêntica à que já havia encontrado no século anterior, não contabiliza os possuidores de formação universitária que exerciam a sua atividade por conta própria. Embora circunscritos apenas a uma ilha, os dados comprovam que o isolamento da ilha não constituía impedimento para as famílias com recursos enviarem os filhos ou pelo menos alguns deles para a Universidade. A tormenta das viagens, demoradas e no meio de tempestades, não dissuadia os que decidiam qualificar-se pelos estudos ou tentar a sorte noutras paragens. A obtenção dum diploma universitário trazia reconhecimento e assegurava a promoção social, mas também a emigração para o sul do Brasil ou para a América, em barcos baleeiros, era uma via aberta para melhorar de vida. O transporte marítimo era demorado e as condições da viagem nem sempre eram as melhores. A vinda dos Bullar, em 1838, a partir da Inglaterra para Ponta Delgada, num veleiro que fazia o comércio da laranja, foi feita em «vinte e três dias de tormentosa viagem». Catherine Green Hickling, que viajou para Ponta Delgada, onde seu pai Thomas Hickling se encontrava desde 1769, escreve no diário da sua estadia na ilha de S. Miguel que saiu de Boston a 13 de janeiro de 1786 e só chegou «ao porto desejado» um mês depois, ou seja, na manhã do dia 13 de fevereiro. A 4 de fevereiro foi o dia do ansiado anúncio do avistamento de terra, com a vista da ilha do Pico e mais ao longe o Faial e S. Jorge. Mas, por mais de uma semana, continuaram «às voltas por entre as ilhas», por causa dos ventos contrários e das calmarias³⁶, o que parece algo de exagerado, já que essas viagens entrilhas se faziam em regra em muitíssimo menos tempo.

A partir do século XIX, é extensa a lista dos que saíam dos Açores principalmente para estudarem na universidade, em Coimbra e no estrangeiro, nomeadamente, Espanha, França, Holanda, Bélgica e Alemanha. Ganha assim sentido a visão que Vitorino Nemésio deu dos Açores, numa conferência que proferiu na Associação Académica de Coimbra, ao apresentá-los como um «Portugal requintado». Tomando em consideração,

³⁵ RODRIGUES, J. D. *São Miguel no Século XVIII: Casa, Elites e Poder*, Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2003, v. I, p. 446. Cf. Idem, *Poder Municipal e Oligarquias Urbanas: Ponta Delgada no Século XVII*, Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1994, pp. 18-186.

³⁶ Cf. «Diário de Catherine Green Hickling (1786-1789)», em Henrique de Aguiar O. Rodrigues, *Thomas Hickling. Subsídios para uma Biografia*, Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2010, pp. 91-92.

ao contrário de Arruda Furtado, não a população rural para uma fundamentação biológica da cultura e da sociedade açoriana, mas antes a capacidade empreendedora e a projeção que as elites locais, «desde os raros exemplares humanos [...] aos primores de vulgaridade», lograram alcançar, Nemésio não vê os Açores a partir do seu isolamento, mas antes como a emanção do país quando este era «uma força em marcha», lembrando ainda que tem vindo a ser «do nateiro insular que têm partido as contribuições de algum preço, quer em metal sonante e a título industrial, predial e sumptuário, quer em carne e osso, ação e pensamento»³⁷. Com efeito, o isolamento não faz mergulhar os ilhéus num mar de invencíveis fatalidades, mas tem alimentado antes o combate permanente dos que recusam circunscrever os seus ideais de vida no limite das fronteiras que o mar, os ventos e as tempestades impõem. No início dos anos sessenta do século XIX, Teófilo Braga refere a viagem que o levou a deixar a sua ilha para estudar direito, em Coimbra, a qual durou cinco dias e meio de «mar e céu», sempre com ventos contrários e mar proceloso. Mas, a persistência de procurar no exterior o que a ilha lhe não podia dar embalou o sonho do jovem Teófilo que não se deixou vencer pelas dificuldades duma viagem, como «passageiro de proa», e pela escassez de recursos para se manter. Foi uma viagem sem regresso, que Teófilo recusou ostensivamente, pois, entre outras razões, conforme confidenciou em entrevista concedida no final da vida ao *Correio dos Açores*, nunca padeceu da «doença do Açoriano, o apego ferrenho às ilhas que raramente deixam de sentir os que dela se afastam»³⁸. Desta enfermidade teria padecido Nemésio, que no depoimento que escreveu para a *Insulana* de 1932, e que intitulou «Açorianidade», chegou a alimentar o sonho, que acabou por não realizar, de regressar às origens. Esmiuçar a consciência de ilhéu dos Açores teria de o trazer ao lugar próprio, mas isso só mais lá para diante: «Um dia, se me puder fechar nas minhas quatro paredes da Terceira, sem obrigações para com o mundo e com a vida civil já cumprida». Sorte bem diferente coube a José Artur Drumonde, do *Arquipélago* de Joel Neto, que regressou à terra da sua infância e, à mistura com os apertos que os retornos sempre fazem nascer na alma, foi saboreando pequenas delícias que a terra lhe ia dispensando, aos poucos.

³⁷ NEMÉSIO, V. «O açoriano e os Açores», pp. 99-100.

³⁸ Entrevista a Gaspar Read Henriques, publicada no *Correio dos Açores* de 13 de Julho de 1922, em Carlos Cordeiro (org.), *Na Senda da Identidade Açoriana (Antologia de Textos do Correio dos Açores)*, Ponta Delgada: Gráfica Açoreana, Lda., 1995, p. 88.

5. Uma centralidade atlântica

Apesar da morosidade dos transportes e dos constrangimentos das tempestades que ameaçavam seriamente o tráfego marítimo, os Açores estiveram sempre no centro da navegação do Atlântico, o que de algum modo os subtraía aos prejuízos do isolamento. Os recursos em cereais, gado, água e população tornavam os Açores, nos séculos XVI e XVII, ponto de escalas regulares de navios que, pela ação dos ventos alíseos de NE, regressavam da Carreira das Índias, bem como da costa africana, do Brasil e de outros países da América do Sul. Como Artur Teodoro de Matos salienta, barcos de diferentes tipologias asseguravam as ligações entre Lisboa e as principais ilhas dos Açores, transportando bens e pessoas. Nalgumas épocas do ano a ligação efetuava-se mais de uma vez por mês e demorava em média 7 a 10 dias³⁹. Mesmo após o declínio do comércio com o Oriente, em que essa relevância teria diminuído, Avelino de Meneses refere que, a partir do século XVIII, a expansão do comércio para o continente americano, em conjugação com «a pressão das nascentes teorias liberais», trouxe aos portos dos Açores muitos navios portugueses e também ingleses. Este movimento portuário animou as exportações e fomentou a prática do contrabando, «que transforma as ilhas em relevante eixo de articulação dos impérios ultramarinos de Portugal e da Europa»⁴⁰. Por força desta centralidade, o isolamento dos Açores não constituía um dado absoluto intransponível e a braveza do mar não impedia de colocar os ilhéus nas rotas que ligavam os continentes. Nesta dialética, as ilhas foram ao mesmo tempo um polo de saída, que a emigração mantém ativo, e um porto de abrigo dos que cruzavam o mar. Plataforma das armadas e do corso que fustigava o sossego dos ilhéus, mas também do comércio e do contrabando, da exploração do mar e da observação de aves, do estudo da Terra e do seu clima, ou ainda de fruição da natureza, da sua gente e cultura. Mercê do vaivém destas encruzilhadas, o ser ilhéu dos Açores foi sucessivamente ganhando novos sulcos e relevos que a erosão do tempo cavou e o pulsar da terra formou «em terra em que os montes são vivos, e comem, e se sustentam das suas próprias entranhas», no

³⁹ Cf. MATOS, A. T. *Transportes e Comunicações em Portugal, Açores e Madeira (1750-1850)*, Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1980, pp. 457-469. A navegação a vapor começou a realizar-se em 1821, como primeira tentativa para assegurar mensalmente o transporte do correio, mas a «1.ª carreira regular de navegação a vapor entre o continente e os Açores ocorre em julho de 1857» (*Ibidem*, p. 462).

⁴⁰ MENESES, A. F. *Os Açores nas Encruzilhadas de Setecentos (1740-1770) – II Economia*, Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1995, p. 191, cf. *ibidem*, pp. 147-221.

expressivo dizer do P. António Vieira, no sermão que pregou, em outubro de 1654, na igreja do Colégio da Companhia de Jesus, da Ilha de S. Miguel, onde esteve, na sequência do naufrágio que sofreu, ao largo do Corvo, em viagem do Brasil em direção ao reino, após dois meses de travessia do Atlântico⁴¹.

O mar e o isolamento são para o ser ilhéu dos Açores, simultaneamente, a cicatriz duma ferida que periodicamente se abre e o desafio singular que torna os ilhéus resistentes e permeáveis a ideias e projetos mobilizadores, trazidos pelo fluxo de diversas formas de comunicação e pela abertura ao convívio com povos de muitas proveniências. No século XX, a utilização dos Açores no apoio militar nos grandes conflitos mundiais e no suporte à aviação que começava a atravessar o Atlântico conferiu uma relevância estratégica que foi decrescendo com o tempo. Porém, foi a implantação do regime autonómico que, apesar das hesitações de que tem padecido, trouxe à condição de ilhéus patamares de desenvolvimento e de bem-estar que melhoraram decisivamente as condições de vida. A este propósito, é elucidativo evocar, pelo contraste que o passar dos anos faz sobressair, as impressões sobre os Açores que Willard Van Orman Quine (1908-2000), filósofo norte-americano dos mais reconhecidos e influentes, deixou na sua autobiografia *The Time of my Life*, publicada em 1985 pelo MIT Press. Onésimo Teotónio Almeida resgatou recentemente a memória do tempo que o filósofo viveu em Ponta Delgada, de agosto de 1938 a janeiro de 1939, ao recuperar um texto seu que havia escrito aquando da publicação da referida obra. Quine viajou com a família, no *Satúrnica*, durante cinco dias, para uma ilha que, na síntese de Onésimo, oferecia clima ameno e saudável para os filhos ainda bebés, baixo custo e isolamento suficiente para trabalhar. Aprendeu português e chegou mesmo a escrever na nossa língua o livro *O Sentido da Nova Lógica*, na sequência duma estadia na Universidade de São Paulo, onde lecionou em português. Na sua autobiografia, deixou registo da forma como ocupava o dia a dia, assim como várias impressões sobre a vida da cidade e a sua integração na sociedade local, em que surgem referenciadas algumas personalidades e famílias do meio. Depois desta primeira estadia, voltou mais duas vezes aos Açores, mas apenas de passagem: em 1960, esteve em Santa Maria, que percorreu

⁴¹ Cf. MATOS, A. T. «As viagens de Portugal ao Brasil no tempo do Padre António Vieira», em Aníbal Pinto de Castro e Artur Teodoro de Matos (coord.), *O Padre António Vieira e o Mundo de Língua Portuguesa*, Lisboa: CEPCEP/EPAL, Universidade Católica Portuguesa, 2008, pp. 83-89; Maria do Céu Fraga «Antologia» em Maria do Céu Fraga e José Luís Brandão da Luz, *Os Açores na Rota do Padre António Vieira. Estudos e Antologia*, Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 2010, pp. 185-242.

no dia em que lá pernoitou, mostrando-se impressionado com a beleza da paisagem e o casario, por entre o arvoredos, e a tranquilidade que envolvia o viver da sua gente; em 1978, nos alvares do regime autonómico, visitou de novo Ponta Delgada, e de avião, onde encontra uma cidade profundamente alterada pelo progresso que entretanto se operara. No dizer do ilustre articulista: «Ficou desapontado. As ruas estreitas estavam infestadas de carros, obrigando os peões a um salve-se-quem-puder. Uma larga estrada agora contorna a beira-mar. Camiões de beterraba substituíam as carroças na rua da Misericórdia. Enfim, o progresso cobrava o seu imposto»⁴².

6. O isolamento do esquecimento

No olhar distanciado de quem nos visita e observa, as marcas do isolamento vão cedendo ao fulgor do tempo, embora numa atmosfera em que ainda se preserva um estilo de vida tranquilo e um ambiente protegido, aspetos que a Quine não passaram despercebidos. A transformação das ilhas foi, no entanto, muito mais acentuada nos anos que se seguiram à última visita do filósofo norte-americano, graças à gestão de um governo próprio e ao suporte que a integração europeia permitiu. Hoje, o isolamento parece ter sido vencido! A rede de aeroportos permite em poucas horas galgar distâncias que, noutra tempo, levavam dias e mais atrás ainda demoravam meses a efetuar. As comunicações para qualquer parte do mundo põem as pessoas cara-a-cara, longe do tempo em que somente se faziam por carta ou por telefone fixo que operava à força do rodar da manivela e das cavilhas do PBX, numa luta sem tréguas para vencer a saturação das poucas linhas disponíveis. Os telegramas, que chegavam sem demora a casa de cada um, levados em mão por mensageiros velozes, têm hoje ao dispor circuitos eletrónicos que não deixam tempos vazios na comunicação. As distâncias desapareceram entre as pessoas e os lugares, e a proximidade mostra sinais duma estreita contiguidade. Todavia, vêm ao de cima formas antigas de isolamento que tinham permanecido soterradas pelos queixumes que as longas distâncias de então faziam soltar: é o esquecimento que leva a fazer pouco caso ou nenhum de quem está longe da vista e com acesso descontinuado das instâncias que põem e dispõem das nossas vidas. O futuro parece fugir das opções e diligências que são tomadas no interior do horizonte próximo das nossas fronteiras.

⁴² ALMEIDA, O. T. «Willard V. O. Quine e William F. Buckley sobre os Açores», em *Minima Azorica. O meu Mundo é deste Reino*, Lajes do Pico: Companhia das Ilhas, 2014, p. 207.

Continuar a pensar que as ilhas se ganham pela gestão dos recursos, que tiram mais aqui para dar mais acolá, cria certamente a ilusão de que estamos a dispor do nosso destino, e fará certamente embalar a cadência das lamentações que cruzam um espaço público, muito saturado por interesses de diversas ordens. Os acontecimentos que fazem as notícias não encontram espaço para fazerem perdurar causas e protestos para além dos momentos que um tempo escasso lhes poderá dispensar. Num ambiente social sem poder para fazer perdurar seja o que for, o protesto serve cada vez mais o consumo interno, mas não parece fazer face ao isolamento que nos põe longe do olhar de quem decide. O isolamento antigo que o mar impunha e a falta de comunicações agravava parece revestir hoje um novo rosto que desafia os ilhéus a olharem mais para si mas a partir de fora, ou seja, a procurarem ganhar presença nos foros onde se joga o destino dos povos.

FICHA TÉCNICA

Título A CONDIÇÃO DE ILHÉU

Concepção e Coordenação ROBERTO CARNEIRO
ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA
ARTUR TEODORO DE MATOS

Editor CEPCEP – Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa
Universidade Católica Portuguesa
Palma de Cima · 1649-023 Lisboa
Tel 2172141333
e-mail: cepcep@fch.lisboa.ucp.pt
www.cepcep.fch.lisboa.ucp.pt

Tiragem 750 exemplares

Data de publicação dezembro de 2016

Depósito legal 421109/17

ISBN 978-972-9045-39-4

Concepção gráfica SERSILITO-Empresa Gráfica, Lda.
Travessa Sá e Melo, 209 · Apt. 1208 · 4471-909 MAIA
Telef. 229436920 · Fax 229436922
sersilito@sersilito.pt | www.sersilito.pt

Capa “Quando o mar invade a Ilha”